

Editorial 61 – Alguns aspectos da Conta Externa do 1.º Semestre de 2022

Por: Heitor Carvalho

TRANSFERÊNCIA DE RENDIMENTOS

A balança de rendimentos primários situou-se em 4,3 mil milhões de USD, aumentando o seu saldo negativo em 63% relativamente ao 1.º Semestre de 2021 e 5% relativamente ao mesmo período de 2019.

A balança de rendimentos de trabalho melhora 9%, relativamente a 2021, e 12%, relativamente a 2021, sem, contudo, apresentar uma variação significativa em valor (menos de 20 milhões de USD). Continua a não existir qualquer transferência de rendimentos de trabalho proveniente dos nossos emigrantes. Sendo esta uma fonte importante de divisas em muitos países africanos, não se entende este completo divórcio entre a diáspora e o país. Se poderá haver algumas remessas incluídas na balança de rendimentos secundários elas são insignificantes, exigindo-se uma actuação muito mais dinâmica para atrair estas poupanças.

A balança de juros e lucros, a componente mais importante da balança de transferências, situou-se em -4,1 mil milhões de USD, deteriorando-se relativamente a 2021 (69%) e 2019 (6%).

A balança de rendimentos secundários ganhou expressão em 2021, crescendo significativamente em 2022, ao atingir cerca de 580 milhões de USD no 1.º Semestre. O nível de transferências do exterior (15 milhões de USD), quando comparado com o das transferências para o exterior (579 milhões) e a evolução destas duas rubricas demonstra que o país continua muito pouco atractivo, não parecendo aconselhável um alívio imediato da liberdade de circulação de capitais.

Os juros e lucros transferidos para o exterior sobem 62% relativamente a 2021 e 1% relativamente a 2019. A rentabilidade transferida oscila, passando de 5,5% semestrais, em 2019, baixando para 3,5%, em 2021, e alcançando 6,2%, em 2022.

Somando 50% das saídas de IDE petrolífero, que convencionámos corresponderem a exportação de resultados em função dos contratos de exploração, passamos de uma rentabilidade semestral de 9,5% para 10,6%, entre 2019 e 2022, correspondendo a cerca de 21% de rentabilidade anual.

Em contraste, a rentabilidade semestral repatriada dos investimentos angolanos reduz-se continuamente de 0,7% para 0,2%, entre 2019 e 2022, demonstrando que não é a rentabilidade, mas provavelmente o risco, em particular o risco cambial, o que leva os angolanos a investir no estrangeiro.

Mais uma vez fica patente que há um longo caminho a fazer para tornar o país atractivo para os capitais, seja qual for a sua origem.

POSIÇÃO DE INVESTIMENTO INTERNACIONAL LÍQUIDO

ACTIVOS — INVESTIMENTO ANGOLANO NO EXTERIOR

O investimento angolano no exterior, excluindo reservas, passa de 31,7 para 37,7 mil milhões de USD, aumentando 5,9 mil milhões, quase exclusivamente em resultado do aumento do crédito comercial (4,5 mil milhões) e de um aumento dos depósitos no exterior de 1,5 mil milhões. A variação nos depósitos é resultante de um fluxo de 759 milhões e de ajustes de 741 milhões, resultantes da “aparição” de 722 milhões nos depósitos do Governo, que não foram considerados em 2021, e de uma pequena valorização.

O crédito comercial representa agora o maior investimento angolano no exterior, passando de um peso de 27%, no início de 2021, para 48%, em Junho de 2022, correspondendo a 69% das

exportações do 1.º Semestre, ou seja, estamos a conceder crédito médio a 125 dias, representando, apesar do crescimento em valor, uma melhoria relativamente aos 147 dias de 2021!

PASSIVOS — INVESTIMENTO ESTRANGEIRO EM ANGOLA (IDE)

O investimento estrangeiro em Angola desce 4%, de 71,7 para 68,8 mil milhões de USD (-3 mil milhões de USD), devido essencialmente às rubricas de:

- Investimento Directo, onde temos uma redução de 3,2 mil milhões de USD (24%), o que demonstra que os investimentos petrolíferos não estão a acontecer, mantendo-se um expatriamento muito significativo resultante dos contratos de exploração. O saldo do IDE situa-se agora em 9,8 mil milhões de USD. Se continuarmos neste ritmo, o IDE entra em terreno negativo no final de 2023!
- De notar que o IDE não-petrolífero foi de apenas 17,4 milhões durante o 1.º Semestre o que representa a menor atracção de investimento de toda a série (desde 2012), incluindo o ano do auge da pandemia (2020). Torna-se pois urgente alterar significativamente o ambiente de negócios para captar poupanças quer externas quer internas.
- Há um ligeiro aumento na rubrica de Empréstimos (302 milhões) resultante da emissão de 1,75 mil milhões de USD de Eurobonds, de uma redução de 917 milhões em outros empréstimos e de uma redução do valor em USD de empréstimos em outras moedas (valorização do USD face principais moedas mundiais) no montante de 530 milhões.

Só por curiosidade, o crédito comercial aumenta 216 milhões, elevando o seu *stock* para 3,7 mil milhões (uma redução relativamente ao 1.º Trimestre), correspondente a cerca de 28% das importações de bens e serviços do 1.º Semestre, ou seja, estamos a beneficiar de crédito a 51 dias e a conceder crédito a 125 dias!

Tabela/Gráfico 1 — Evolução da posição líquida do investimento estrangeiro em Angola (milhões de dólares)

Evolução e composição do investimento estrangeiro em Angola	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022 1.º Sem	Var 22/17
Investimento directo	29 184	29 436	22 717	19 183	17 316	12 961	9 777	-67%
Empréstimos ¹	47 929	48 013	50 377	53 317	53 548	52 315	52 617	10%
Direitos especiais de saque	428	389	380	378	393	1 375	1 304	235%
Moeda e depósitos	2 351	2 355	2 207	1 028	902	919	749	-68%
Créditos comerciais e adiantamentos	1 624	894	0	1 606	2 655	3 513	3 729	317%
Outros	351	422	100	107	244	644	583	38%
Total	81 867	81 508	75 780	75 618	75 058	71 728	68 760	-16%

Fonte: BNA.

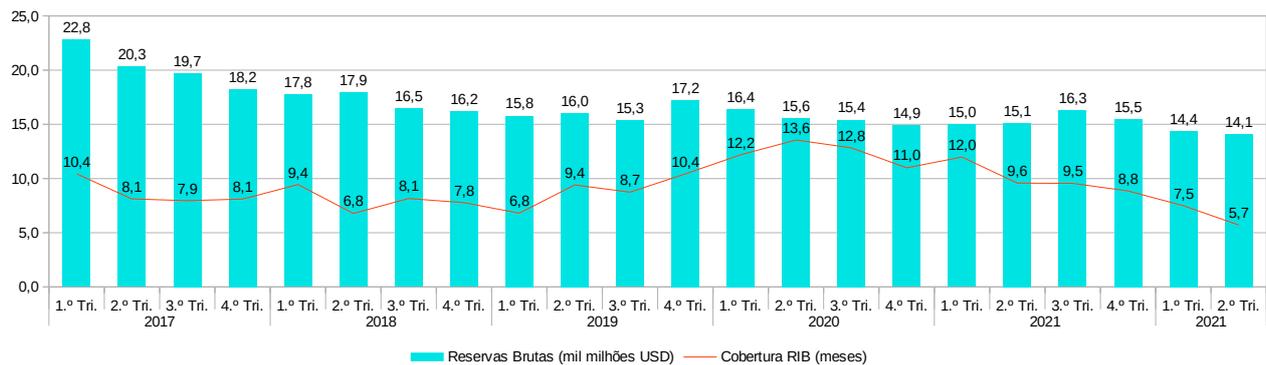
Observando o gráfico é notável a progressão, na última legislatura, do IDE (-67%) de 29,2 para 9,8 mil milhões e dos empréstimos (+10%), de 47,9 para 52,6 mil milhões.

Os DES do FMI sobem de 0,4 para 1,3 mil milhões graças ao apoio de mil milhões de USD em meados do ano passado.

A moeda e depósitos reduz-se de 2,3 para 0,7 mil milhões.

RESERVAS INTERNACIONAIS BRUTAS (RIB)

Tabela/Gráfico 2 — Evolução das Reservas



Fonte: BNA.

No 1.º Semestre de 2022, as RIB decrescem de 15,5 para 14,1 milhões e a cobertura das importações cai de 8,8 para 5,7 meses, devido quer ao crescimento das importações quer à redução das reservas. Esta cobertura foi calculada dividindo o valor das reservas pelo montante das importações de bens e serviços no respectivo Trimestre.

Durante o ano de 2019, assiste-se a um crescimento das RIB, quer em valor, quer em cobertura das importações; em 2020, assistimos ao processo inverso, em valor, estabilizando-se à volta dos 15 mil milhões de USD. Com a redução das importações, a cobertura aumenta até aos 14 meses, no 2.º Trimestre de 2020, estabilizando à volta de 12 meses, a partir do 3.º Trimestre de 2020.

Porém, desde o final de 2020 as reservas têm caído sucessivamente. Nomeadamente, a cobertura das importações cai para menos de metade dos 12 meses que subsistiu entre o 1.º Trimestre de 2020 e o 1.º Trimestre de 2021!

Na verdade, entre o 2.º Trimestre de 2021 e o 2.º Trimestre de 2022, as RIB caem cerca de mil milhões de 15,1 para 14,1 mil milhões, apesar de termos recebido cerca de mil milhões em Direitos Especial de Saque do FMI. Excluindo essa ajuda internacional, as nossas reservas ter-se-iam reduzido em 2 mil milhões de USD no espaço de um ano, exactamente quando deviam estar a crescer devido ao ambiente de grande aumento dos fluxos de divisas para o país!

Luanda, 26 de Setembro de 2022